

David Byrne enche Coliseu no Porto

REI MOMO NUM CARNAVAL PLANETÁRIO

PORTO (da nossa Delegação)- "Naked", o derradeiro álbum conceptual da discografia dos Talking Heads data de 1988. Apesar de uma década já se ter esfumado, são ainda os temas desse repertório os mais lestos a galvanizar as plateias que se enchem, num ritual de fidelidade, para ouvir e ver David Byrne.

Essa constância teve ensejo de reafirmação no show que o "ex-cabeça falante" interpretou sábado passado perante um lotado e delirante Coliseu do Porto. Tal comportamento do público só poderia espantar quem ignora o facto do carisma (é o termo) de Byrne se manter intocado, seis anos após o último lançamento formal da banda, a antologia "Popular Favorites: Sand in the Vaseline". Ele que já antes, em 1989 com o disco "Rei Momo", optara preferencialmente por uma carreira a solo e um selo autónomo (Luaka Bop).

Distanciado por moto próprio do "main-stream", este escocês, de 45 anos, radicado em New York, nem por isso vê beliscado em Portugal o seu cartel.

Na verdade, a legião de fãs portuenses esmerou-se na recepção ao ídolo, a quem sobram amplos motivos para guardar bons sentimentos desta actuação ante-



Começando por ser "o homem-tapete", Byrne mudou de fato cinco vezes para render a seus pés o público portuense

do Entrudo, é lícito arriscar a imagem de que Byrne vestiu a personagem de um Rei Momo, de baixas-calorias e sem barriga, nas várias "fantasias" que exibiu. Num Porto que nem festeja o "reinado momesco", ele logrou o sortilégio de soltar as serpentinas e os confetis da sua carnavalesca planetária.

A imagem e semelhança dessa mutabilidade estética e vivencial, ele se mostra ágil na forma como atribui inusitadas roupagens, inovadores arranjos, às músicas que criou no tempo em que era a cabeça pensante dos Talking Heads.

Atente-se no autêntico "cover" de que ele revestiu "Psycho Killer", a ponto de não se tornar imediatamente identificável pelo mais fiel dos admiradores. Embora tenha ficado com a sensação de que este terá sido o número menos conseguido do show, a ponto de ter quebrado o ritmo esuficiente que caracteriza, por norma, os encores.

Li certa vez que "David Byrne é um Malcolm McLaren que deu certo e um Brian Eno que ganhou as paradas do sucesso". Considero que a definição não honra o seu estatuto de criador, procurando antes domesticá-lo.

Contrariamente às opções do inventor dos Sex Pistols, Byrne mostrou que abdica de voracidades cor-sárias na sua conexão étnica com as sonoridades do terceiro mundo. Sua visão é ecumênica, integradora, recusando de todo o sincretismo musical.

Quanto a Eno, ele voltou a demonstrar que aprimorou a herança recebida do mago dos sintetizadores. Parafraseando o título do disco que fizeram juntos ("My Life in the Bush of Ghosts"), Byrne convidou a plateia a envolver-se num bosque habitado pelos espíritos da criatividade. Nessa epopeia, contou com a hábil cumplicidade de uma banda virtuosa, que sabe humanizar a tecnologia. O testemunho mais exponencial dessa intuição foi a magistral reinvenção de "I.Zimbra". Ou tudo não fosse uma questão de "feeling".

Daniel Guerra

grada na tournée "Feelings", título do seu mais recente longa duração.

Seria no mínimo redutor afirmar que este reencontro aparentou ser uma reedição do concerto realizado em 19 de Novembro de 1994, no mesmo auditório. É certo que David Byrne voltou a propor uma roteiro que tem como momentos mais apelativos os perenes hits dos Talking Heads: "Take me to the River", "Road to Nowhere", "I.Zimbra" ou o hino "Psycho Killer".

Contudo, para a fertilidade desta presta-

ção muito contribuíram os temas de mais fresca extracção, dimensionados numa fraseologia rítmico-melódica, sorvida da colorida paleta da world-music: "Sock it to me" (nos selos da mãe África), "Loco de Amor" (um mambo caribenho em tributo da Célia Cruz) ou "Miss America" (vertiginoso caleidoscópio inter-étnico, onde cabem ressonâncias até da música brasileira).

Para além do carácter alternativo das suas autorias, todos concordam que o grande fascínio de qualquer performance de Byrne assenta na imprevisível espontaneidade da seu modo de estar em palco, como afinal, na vida. Assumido "entertainer", declara abertamente sua predilecção pelas actuações ao "vivo".

Esse "lives" proporcionam-lhe a oportunidade de explanar razoáveis dotes actoriais, num histrionismo que muito assenta no recor-

to "kitsch" do guarda-roupa. Como pudemos allás verificar no filme "True Stories" ou no vídeo do concerto "Stop Making Sense". Foi essa a gama de recursos acentuada nesta representação, que não esteve todavia isenta de alguns desequilíbrios.

Numa prestação que ficou apenas a 10 minutos das duas horas, trocou de roupa umas cinco vezes. Irrompeu no palco trajando um felpudo fato cor púrpura e disparou uma "Once in a Lifetime" demolidora. No final de 19 jamas (três encores incluídos), descediu-se com "Amnesia", vestindo um "costume pijama", branco e vermelho, listado, no estilo uniforme de presidiário.

Enquanto a cantora Christina Wheeler entretia a plateia num diálogo vocalizado ("Christina's World") com os sintetizadores, ele sumiu do palco para reentrar ostentando um kilt, em homenagem (irónica?) às raízes célticas, para bailar "Dance on Vaseline".

Quando se aproximam as folias



Para o antigo Talking Head, um espectáculo é uma questão de "feeling"



Antes do concerto, Byrne foi ao Hard Club, no Cais de Gaia, para lançar e autografar a sua biografia, da autoria de José Manuel Simões